

"VERDADEIRA, ENGRAÇADA, CHEIA DE SUSPENSE, LITERÁRIA – ESTA É UMA BIOGRAFIA PARA QUEM AMA ESPORTES, MAS, ACIMA DE TUDO, PARA QUEM AMA BIOGRAFIAS." – ANDRE AGASSI

# A MARCA DA VITÓRIA

A AUTOBIOGRAFIA DO CRIADOR DA *NIKE*



# PHIL KNIGHT

# **A MARCA DA VITÓRIA**

**A MARCA  
DA VITÓRIA**



**PHIL  
KNIGHT**



SEXTANTE

Título original: *Shoe Dog*

Copyright © 2016 por Phil Knight  
Copyright da tradução © 2016 por GMT Editores Ltda.

Publicado mediante acordo com a editora original, Scribner, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução*

Simone Lemberg Reisner

*preparo de originais*

Raïtsa Leal

*revisão*

Luis Américo Costa e Rebeca Bolite

*projeto gráfico e diagramação*

DTPPhoenix Editorial

*capa*

Jaya Miceli e Jonathan Bush

*adaptação de capa*

Ana Paula Daudt Brandão

*imagem de capa*

Swoosh – cortesia da Nike

*adaptação para ebook*

[Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

K262m

Knight, Phil

A marca da vitória [recurso eletrônico] / Phil Knight; tradução de Simone Lemberg Reisner. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.  
recurso digital.

Tradução de: Shoe dog

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-431-0447-8 (recurso eletrônico)

1. Phil Knight, 1938-. 2. Empresários - Estados Unidos - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

16-36293

CDD: 956.58

CDU: 929:658

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
GMT Editores Ltda.  
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo  
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: [atendimento@sextante.com.br](mailto:atendimento@sextante.com.br)  
[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)

*Para os meus netos,  
para que eles saibam*

Há muitas possibilidades na mente do principiante, mas poucas na do perito.

– Shunryu Suzuki, *Mente zen, mente de principiante*

## ALVORADA

Acordei antes dos outros, antes dos pássaros, antes do sol. Tomei uma xícara de café, engoli uma torrada, vesti um short e um blusão de moletom e amarrei os cadarços dos meus tênis verdes de corrida. Em seguida, saí em silêncio pela porta dos fundos.

Alonguei as pernas, a região lombar e gemi enquanto dava os primeiros passos obstinados pela rua fria, em meio à névoa. Por que é sempre tão difícil começar?

Não havia carros nem pessoas, nenhum sinal de vida. Eu estava completamente só, tinha o mundo inteiro para mim – embora, estranhamente, as árvores parecessem notar a minha presença. É claro, eu estava no Oregon. As árvores sempre pareciam estar cientes. As árvores sempre ofereciam proteção.

Que lugar magnífico para se nascer, eu pensava, olhando ao redor. Calmo, verde, tranquilo – eu sentia orgulho de chamar o Oregon de lar, de chamar minha pequena Portland de cidade natal. Mas também sentia uma pontada de tristeza. Embora belo, o Oregon dava às pessoas a sensação de ser um lugar onde nada importante realmente acontecia – ou teria chances de acontecer. Se havia algo no estado que pudesse conferir a seus habitantes alguma fama era uma trilha muito antiga, que precisou ser aberta pelos colonos para que chegassem até aqui. Desde então, as coisas tinham sido bem monótonas.

O melhor professor que tive, um dos melhores homens que conheci, falava com frequência dessa trilha. É nosso direito de nascença, bradava ele. Nosso caráter, nosso destino – nosso DNA. “Os covardes nunca começaram”, ele me dizia, “os fracos morreram pelo caminho – e nós estamos aqui.”

Nós. Segundo meu professor, alguma força rara do espírito dos pioneiros foi descoberta ao longo dessa trilha, um enorme senso de possibilidade misturado a uma reduzida capacidade de pessimismo – e nosso dever, como filhos do Oregon, era manter essa força viva.

Eu meneava a cabeça, concordando e demonstrando todo o respeito que ele merecia. Eu amava aquele sujeito. No entanto, quando me afastava, costumava pensar: Ora, é só uma estrada de terra.

Naquela manhã de nevoeiro, naquela manhã memorável em 1962, eu havia acabado de desbravar minha própria trilha – de volta ao lar, depois de sete

longos anos de ausência. Era estranho estar de volta, estranho ser de novo açoitado pelas chuvas que caíam todos os dias. Mais estranho ainda era voltar a morar com meus pais e minhas irmãs gêmeas, dormir na minha cama da infância. Eu ficava deitado, tarde da noite, olhando para os livros da faculdade, os troféus e as *blue ribbons*, fitas azuis que recebi pelas conquistas no ensino médio, enquanto pensava: Isso sou eu? *Ainda?*

Acelerei o passo pela rua. Minha respiração formava baforadas redondas e geladas que criavam um torvelinho no meio da neblina. Saboreei aquele primeiro despertar físico, aquele momento brilhante que acontece antes de a mente ficar totalmente clara, quando os membros e as articulações começam a se soltar e o corpo material começa a derreter. De sólido para líquido.

Mais depressa, disse a mim mesmo. Mais depressa.

Teoricamente, refleti, sou um homem adulto. Formado em uma boa universidade – a Universidade do Oregon. Fiz mestrado em uma das melhores escolas de negócios – Stanford. Sobrevivi a um ano inteiro no serviço militar dos Estados Unidos – em Fort Lewis e Fort Eustis. Meu currículo afirmava que eu era um soldado resoluto, um homem completo, de 24 anos... Então, por que eu me sentia como se ainda fosse um menino?

Pior ainda, o mesmo menino tímido, pálido e magricela que sempre fora.

Talvez por eu ainda não ter experimentado nada da vida. Ainda não vivera suas muitas tentações e emoções. Não havia fumado um cigarro, não havia experimentado drogas. Não violara nenhuma regra, muito menos uma lei. Estávamos nos anos 1960, a era da rebeldia, e eu era a única pessoa nos Estados Unidos que ainda não tinha se rebelado. Não me lembrava de um único momento no qual tivesse jogado tudo para o alto ou feito algo inesperado.

Eu nunca havia estado com uma mulher.

Se costumava remoer tudo o que eu não era, havia um motivo simples. Aquelas eram as coisas que eu conhecia melhor. Era difícil dizer o que ou quem exatamente eu era ou poderia vir a ser. Assim como todos os meus amigos, eu queria ser bem-sucedido. Ao contrário deles, não sabia o que isso significava. Dinheiro? Talvez. Esposa? Filhos? Uma casa? Claro que sim, se tivesse sorte. Esses eram os objetivos que eu aprendera a almejar e que parte de mim de fato desejava, instintivamente. Mas, lá no fundo, eu buscava algo diferente, algo mais. Tinha uma sensação dolorosa de que o nosso tempo é breve, muito mais efêmero do que jamais saberemos, tão breve quanto uma corrida pela manhã, e queria que o meu tempo significasse alguma coisa. E que tivesse um propósito. E que fosse criativo. E importante. E, acima de tudo... diferente.

Eu queria deixar uma marca no mundo.

Queria vencer.

Não, não era bem isso. Eu apenas não queria perder.

E então, aconteceu. Enquanto meu jovem coração começava a bater, enquanto meus pulmões rosados se expandiam como as asas de um pássaro, enquanto as árvores se transformavam em borrões esverdeados, vi tudo diante de mim, exatamente como eu queria que a minha vida fosse. Esporte.

Sim, pensei, é isso. Essa é a palavra. Eu sempre suspeitara de que o segredo da felicidade, a essência da beleza ou da verdade – ou tudo o que precisamos saber sobre a beleza e a verdade – estava em algum lugar durante aquele exato momento em que a bola está no ar, em que ambos os pugilistas sentem que o gongo vai tocar, em que os corredores se aproximam da linha de chegada e a multidão se levanta. Existe um tipo de luminosidade viva nesse pulsante meio segundo que antecede a decisão sobre a vitória ou a derrota. Eu queria que isso, o que quer que significasse, fosse a minha vida, o meu dia a dia.

Em outros momentos, eu havia fantasiado sobre me tornar um grande escritor, um grande jornalista, um grande estadista. Meu maior sonho, entretanto, sempre foi o de ser um grande atleta. Infelizmente, o destino me havia feito bom, mas não ótimo. Aos 24 anos, eu estava, enfim, aceitando esse fato. Havia competido em provas de corrida no Oregon e me destacara, conseguira me classificar em três dos quatro anos em que tinha competido. E foi só isso. Agora, enquanto corria, uma volta após outra, enquanto o sol nascente incendiava as agulhas mais baixas dos pinheiros, perguntei a mim mesmo: e se houvesse um jeito de sentir o que os atletas sentem, mesmo não sendo atleta? Praticar esportes o tempo todo em vez de trabalhar? Ou ter tanto prazer no trabalho a ponto de ele se tornar, essencialmente, um esporte?

O mundo estava inundado de guerra, dor e amargura, a luta diária era exaustiva e, com frequência, injusta. Talvez a única resposta, pensei, fosse encontrar algum sonho prodigioso, improvável, que parecesse valer a pena, que parecesse divertido, que parecesse uma boa opção, e correr atrás dele com a dedicação e a determinação de um atleta. Gostando ou não, a vida é um jogo. Quem nega essa verdade, quem se recusa a entrar no jogo, fica esperando nas linhas laterais – e eu não queria isso. Mais do que qualquer outra coisa, isso era algo que eu não queria para a minha vida.

O que me levou, como sempre, à minha Ideia Maluca. Talvez, pensei, apenas talvez, eu precisasse dar mais uma olhada nessa minha Ideia Maluca. Talvez essa Ideia Maluca pudesse... dar certo.

Talvez.

Não, não, pensei, correndo mais depressa, mais depressa, correndo como se estivesse perseguindo alguém e ao mesmo tempo sendo perseguido. Isso *vai* dar certo. Juro por Deus, *farei* com que dê certo. Chega de talvez.

De repente, eu estava sorrindo. Quase gargalhando. Encharcado de suor, movendo-me tão graciosamente e sem esforço como jamais o fizera, vi minha Ideia Maluca brilhando à minha frente, e ela não parecia mais tão maluca assim. Nem parecia mais uma ideia. Parecia um lugar. Parecia uma pessoa, ou alguma força de vida que já existia muito antes de eu mesmo existir, separada, mas também fazendo parte de mim. Esperando por mim, mas também se escondendo. Isso pode soar um tanto excêntrico, um pouco *maluco*. Mas foi assim que me senti naquele dia.

Ou talvez não. Talvez a sensação de descoberta do momento tenha sido ampliada pela memória, ou vários momentos de descobertas tenham sido condensados em apenas um. Ou talvez, se houve esse momento, ele não tenha sido nada mais do que o efeito da adrenalina no meu corpo. Não tenho certeza. Não sei dizer. Muitas lembranças daqueles dias, e dos meses e anos seguintes, lentamente desapareceram, como aquelas baforadas geladas e redondas da minha respiração. Rostos, números, decisões que antes pareciam urgentes e irrevogáveis, tudo se foi.

O que permaneceu, porém, foi essa certeza reconfortante, essa verdade que é como uma âncora e que jamais irá embora. Aos 24 anos, eu *tive* uma Ideia Maluca e, de alguma forma, apesar de estar atordoado pelas angústias existenciais, pelo medo do futuro e pelas dúvidas sobre mim mesmo, como todos os jovens aos 20 e poucos anos, *decidi* que o mundo era feito de ideias malucas. A História é uma longa procissão de ideias malucas. As coisas que eu mais amava – livros, esportes, democracia, livre-iniciativa – começaram como ideias malucas.

Além disso, poucas ideias são tão malucas quanto a minha atividade favorita: correr. É difícil. É doloroso. É arriscado. As recompensas são poucas e nunca são garantidas. Quando você corre em uma pista oval ou em uma estrada vazia não tem um destino verdadeiro. Pelo menos não um que justifique todo o esforço. O ato em si se torna o destino. Não é apenas por não haver uma linha de chegada; é porque é você quem define a linha de chegada. Os prazeres ou ganhos que podem ser obtidos por meio do ato de correr, sejam quais forem, precisam ser encontrados dentro de si. Tudo depende de como você encara a corrida, de como a negocia consigo mesmo.

Todo corredor sabe disso. Você corre, quilômetro após quilômetro, e nunca sabe exatamente por quê. Diz a si mesmo que está correndo em direção a um objetivo, que persegue algum ímpeto, mas, na verdade, você corre porque a alternativa, que é parar, o faz tremer de medo.

E assim, naquela manhã em 1962, eu disse a mim mesmo: Deixe que todos chamem a sua ideia de maluca... Apenas continue. Não pare. Nem pense em parar enquanto não chegar lá e não pense muito sobre onde fica esse “lá”. O que quer que aconteça, não pare.

Esse foi o conselho precioso, cauteloso e urgente que consegui dar a mim mesmo, do nada, e que, de alguma forma, fui capaz de seguir. Meio século depois, acredito que é o melhor conselho – talvez o único – que qualquer um de nós deva dar.

## PRIMEIRA PARTE

Pois *aqui*, como vê, *ocê* tem que correr o máximo que pode para continuar no mesmo lugar. Se quiser chegar a alguma outra parte, terá que correr no mínimo duas vezes mais rápido!

– Lewis Carroll, *Alice através do espelho*

1962

Quando resolvi mencionar a Ideia Maluca ao meu pai, depois de ter reunido toda a coragem necessária, assegurei-me de que acontecesse no início da noite. Essa era sempre a melhor hora do dia para falar com ele. Era o momento em que meu pai estava relaxado, bem alimentado, acomodado em sua poltrona reclinável no cantinho da TV. Ao inclinar a cabeça para trás e fechar os olhos, ainda posso ouvir o som do auditório rindo, as músicas-tema dos programas favoritos dele: *Caravana* e *Rawhide*.

O que meu pai mais amava, porém, era o programa de Red Buttons. Todos os episódios começavam com Red cantando: *Ho ho, hee hee... strange things are happening* (Ho ho, hee hee, coisas estranhas estão acontecendo).

Coloquei uma cadeira de encosto reto ao lado dele e dei um sorriso amarelo, esperando pelo próximo intervalo comercial. Eu havia repassado o meu discurso na cabeça, muitas e muitas vezes, principalmente o início. *E aí, pai, você se lembra daquela Ideia Maluca que eu tive em Stanford...?*

Eu estava cursando uma de minhas últimas matérias e precisava preparar um seminário sobre empreendedorismo. Tinha feito um trabalho de pesquisa sobre calçados que acabou evoluindo de uma tarefa comum para uma total e completa obsessão. Como corredor, conhecia um pouco sobre tênis de corrida. Sendo um entusiasta dos negócios, sabia que as câmeras fotográficas japonesas haviam invadido o mercado antes dominado pelos alemães. Assim, argumentei no meu trabalho que os tênis de corrida japoneses poderiam fazer o mesmo. A ideia me interessou, me inspirou e me cativou. Parecia tão óbvia, tão simples, tão potencialmente gigantesca...

Dediquei semanas e mais semanas a esse trabalho. Praticamente me mudei para a biblioteca e devorei tudo o que encontrei sobre importação e exportação e sobre como abrir uma empresa. Finalmente, como esperado, fiz uma apresentação formal do trabalho para meus colegas de classe, que reagiram com um tédio formal. Nenhuma pergunta foi feita. Eles me parabenizaram por minha paixão e intensidade com fortes suspiros e olhares vazios.

O professor achou que minha Ideia Maluca tinha algum mérito: me deu nota A. E foi só isso. Pelo menos, deveria ter sido. Na verdade, nunca deixei de pensar naquele trabalho. Ao longo de todo o restante do meu tempo em Stanford,

de todas as corridas matinais até aquele momento no cantinho da TV, fiquei imaginando a possibilidade de ir ao Japão, encontrar uma empresa de calçados e apresentar a *elas* a minha Ideia Maluca, na esperança de que tivessem uma reação mais entusiástica do que a de meus colegas de classe e de que talvez quisessem se associar a um rapazinho tímido, pálido e magricela do sonolento Oregon.

Também brinquei com a possibilidade de fazer um desvio exótico do meu caminho para o Japão. Como posso deixar minha marca no mundo, pensei, se não andar por ele e *conhecê-lo*? Antes de correr uma grande prova, é sempre bom caminhar pela pista. Uma viagem como mochileiro ao redor do globo poderia ser uma boa, avaliei. Naquela época, ninguém falava em listas do que fazer antes de morrer, mas suponho que fosse isso mais ou menos o que eu tinha em mente. Antes de morrer, de ficar muito velho ou exaurido demais com as minúcias do dia a dia, queria visitar os lugares mais belos e surpreendentes do planeta.

E os mais sagrados. É claro que eu queria provar comidas diferentes, ouvir outras línguas, mergulhar em outras culturas, mas o que realmente ansiava era por uma conexão, com C maiúsculo. Queria experimentar o que os chineses chamam de Tao; os gregos, de Logos; os hindus, de Jnana; os budistas, de Dharma. O que os cristãos chamam de Espírito. Imaginei que, antes de partir para minha viagem pessoal, precisaria entender a viagem maior da humanidade. Precisaria explorar os mais grandiosos templos, igrejas e santuários, os rios e as montanhas mais sagrados. Precisaria sentir a presença de... Deus?

Sim, disse a mim mesmo. Por falta de uma palavra melhor, Deus.

Antes de tudo isso, porém, precisava da aprovação do meu pai.

Mais ainda, precisava do dinheiro dele.

No ano anterior, eu já havia mencionado o desejo de fazer uma longa viagem e meu pai me parecera receptivo à ideia. Só que ele já devia ter se esquecido disso. E, por certo, eu estava me excedendo ao acrescentar à proposta original essa Ideia Maluca de uma extravagante viagem extra ao Japão. Para começar uma empresa. Isso é que é projeto inútil.

É claro que ele acharia que eu estava dando um passo maior que a perna.

E um passo bem caro também. Eu possuía algumas economias dos tempos do Exército e de vários empregos de verão. Além disso, planejava vender meu carro, um MG – Morris Garages – de 1960, vinho-escuro, com pneus de corrida e motor *twin cam*. (O mesmo modelo que Elvis dirigiu em *Feitiço havaiano*.) Tudo isso somava 1.500 dólares, bem menos do que o necessário, expliquei ao

meu pai. Ele meneou a cabeça, fez um hum-hum, tirou os olhos da televisão e virou-os para mim, então levou-os de volta para o aparelho, enquanto eu expunha a situação.

Você se lembra de quando conversamos, pai? De como eu disse que queria conhecer o mundo?

O Himalaia? As Pirâmides?

O mar Morto, pai? O mar *Morto*?

Bem, também estou pensando em dar uma paradinha no Japão, pai. Você se lembra da minha Ideia Maluca? Sobre os tênis de corrida japoneses? Pois é. Isso pode ser algo grande, pai. Enorme.

Eu estava enfeitando o pavão, usando todo o meu poder de persuasão, pois sempre detestei fazer vendas, e essa em particular tinha chance zero de acontecer. Meu pai havia acabado de gastar uma fortuna com meus estudos na Universidade do Oregon e em Stanford. Ele era o editor do *Oregon Journal*, um emprego sólido, que pagava por todos os nossos confortos básicos, inclusive nossa espaçosa casa branca na Claybourne Street, em Eastmoreland, uma das regiões mais tranquilas de Portland. Mas o homem não tinha um pé de dinheiro no quintal.

Além disso, estávamos em 1962. Naquela época, a Terra era maior. Embora os seres humanos estivessem começando a orbitar o planeta em cápsulas, 90% dos americanos ainda não tinham viajado de avião. O cidadão comum nunca se aventurara mais longe do que 150 quilômetros da própria casa, portanto, a mera menção de uma viagem global de avião deixaria qualquer pai nervoso, principalmente o meu, cujo predecessor no jornal havia morrido em um acidente de avião.

Mesmo deixando de lado o dinheiro e as preocupações com segurança, o plano inteiro era simplesmente impraticável. Eu tinha consciência de que 26 em cada 27 novas empresas fracassavam, meu pai também sabia disso, e a ideia de assumir um risco tão colossal ia contra tudo em que ele acreditava. Meu pai era cristão devoto, membro convencional da Igreja Episcopal. Mas também adorava outra divindade secreta – a respeitabilidade. Casa colonial, bela esposa, filhos obedientes, meu pai gostava de ter essas coisas, mas o que ele realmente valorizava era o fato de os amigos e vizinhos *saberem* que ele as possuía. Ele gostava de ser admirado. Gostava de nadar todos os dias na corrente que estivesse em voga. Assim, dar uma volta ao mundo por pura diversão era algo que não tinha nenhum sentido para ele. Não se fazia isso. Com certeza, os filhos dos homens respeitáveis não faziam isso. Era algo que os filhos dos outros

faziam. Coisa de beatniks e hipsters.

Possivelmente, o maior motivo para a fixação de meu pai pela respeitabilidade era o medo de seu caos interior. Eu sentia isso de maneira visceral, porque, de vez em quando, esse caos vinha à tona. Sem aviso, tarde da noite, o telefone que ficava no corredor tocava e, quando eu atendia, havia aquela mesma voz grave na linha:

– Venha aqui buscar o seu pai.

Eu colocava minha capa de chuva – naquelas noites sempre parecia que havia uma garoa – e dirigia até o centro da cidade, ao clube que meu pai frequentava. Lembro-me daquele clube com a mesma nitidez com que me lembro do meu quarto. Centenário, com estantes de livros feitas de carvalho que iam do chão ao teto e poltronas de encosto alto, parecia a sala de visitas de uma antiga casa de campo inglesa. Em outras palavras, um lugar eminentemente respeitável.

Eu sempre encontrava meu pai à mesma mesa, na mesma poltrona. Sempre o ajudava a se levantar.

– Você está bem, pai?

– É claro que estou bem.

Eu sempre o guiava até o carro e, durante todo o caminho até em casa, fingíamos que não havia nada errado. Ele se sentava perfeitamente ereto, quase como um rei, e falávamos sobre esportes, porque esse assunto era a minha maneira de me distrair e me acalmar em momentos de estresse.

Meu pai também gostava de esportes. Os esportes eram respeitáveis.

Por essas e outras razões, eu esperava que meu pai recebesse o pedido ali no cantinho da TV com a testa franzida e uma recusa rápida. “Há-há, Ideia Maluca. Sem chance, Buck.” (Meu nome de batismo é Philip, mas meu pai sempre me chamava de Buck. Na verdade, ele me chamava de Buck mesmo antes de eu nascer. Minha mãe me contou que ele tinha o hábito de bater na barriga dela e perguntar: “Como está o pequeno Buck hoje?”) Entretanto, quando parei de falar, quando parei de tentar vender meu peixe, meu pai se inclinou para a frente em sua poltrona de vinil e me lançou um olhar estranho. Confessou que se arrependia por não ter viajado mais quando jovem. Disse que uma viagem poderia representar um retoque final na minha educação. Mencionou várias coisas, todas elas mais focadas na viagem do que na Ideia Maluca, mas eu não tentei corrigi-lo. Não tentei reclamar, pois ele estava me dando sua bênção. E seu dinheiro.

– Ok – disse ele. – Ok, Buck. Ok.

Agradei ao meu pai e fugi do cantinho da TV antes que ele tivesse a chance de mudar de ideia. Só mais tarde percebi, com um espasmo de culpa, que a falta de viagens do meu pai era a razão inconfessa, talvez a mais importante, do meu desejo de partir. Essa viagem, essa Ideia Maluca, seria a única maneira infalível de eu me tornar alguém diferente dele. Alguém menos respeitável.

Ou talvez não menos respeitável, mas apenas menos obcecado por respeitabilidade.

O resto da família não apoiou a ideia com o mesmo entusiasmo. Quando minha avó soube do itinerário, um item em particular a deixou horrorizada.

– Japão! – gritou. – Por quê, Buck, se há poucos anos os japoneses queriam nos matar? Você não se lembra? Pearl Harbor! Os japoneses tentaram conquistar o mundo! Alguns deles ainda nem sabem que perderam a guerra! Estão escondidos! Podem fazer de você um prisioneiro, Buck. Arrancar seus olhos. Eles são conhecidos por fazer isso... Seus *olhos*.

Eu amava a mãe da minha mãe, a quem chamávamos de Mamãe Hatfield. E entendia o medo dela. O Japão era o lugar mais distante que poderia existir de Roseburg, no Oregon, a pequena cidade rural onde ela vivera durante toda a sua existência. Passei muitos verões lá, com ela e Papai Hatfield. Quase todas as noites nos sentávamos na varanda e ficávamos ouvindo os sapos coaxarem, competindo com o som do rádio, que, no início dos anos 1940, estava sempre sintonizado nas notícias sobre a guerra.

Que eram sempre ruins.

Os japoneses, segundo nos contavam repetidas vezes, não perdiam uma guerra há 26 anos e, com certeza, não parecia que perderiam essa também. Nós sofriamos uma derrota após outra. Até que, em 1942, o narrador da Mutual Broadcasting, Gabriel Heatter, abriu sua reportagem noturna com um grito estridente:

– Boa noite a todos. Hoje temos *boas notícias!*

Os americanos haviam finalmente vencido uma batalha decisiva. Os críticos reprovaram Heatter por sua torcida desavergonhada, por abandonar toda a pretensa objetividade jornalística, mas o ódio do público pelo Japão era tão intenso que os ouvintes o saudaram como a um herói. Depois disso, ele passou a iniciar todas as suas reportagens da mesma forma: “Hoje temos *boas notícias!*”

Essa é uma das lembranças mais antigas que tenho. Mamãe e Papai Hatfield ao meu lado, naquela varanda, Papai Hatfield descascando uma maçã com um canivete e me dando um pedaço, comendo um pedaço, me dando outro pedaço e assim por diante, até que parou de repente. Heatter ia entrar no ar. *Shh! Quietos!*

Ainda posso nos ver mastigando maçãs e olhando para o céu estrelado, tão obcecados pelo Japão que quase esperávamos enxergar aeronaves japonesas cruzando a constelação do Cão Maior. Não me admira que, ao entrar pela primeira vez em um avião, quando tinha uns 5 anos, eu tenha perguntado:

– Papai, os japoneses vão atirar na gente?

Embora Mamãe Hatfield tivesse me assustado, eu disse a ela que não se preocupasse, eu estaria bem. Até traria para ela um quimono.

Minhas irmãs gêmeas, Jeanne e Joanne, quatro anos mais novas que eu, não pareceram se importar muito com o lugar aonde eu iria ou o que eu faria por lá.

E minha mãe, pelo que me lembro, não disse nada. Ela quase nunca dava a sua opinião. Mas, dessa vez, havia algo diferente no silêncio dela. Equivalia a um consentimento. Até orgulho.

PASSEI SEMANAS LENDO, planejando e preparando a viagem. Fiz longas corridas, meditando sobre cada detalhe enquanto gansos selvagens voavam sobre minha cabeça em rígidas formações em V. Li em algum lugar que os gansos que ficam na parte de trás da formação, os que voam no recuo, fazem apenas 80% do esforço feito pelos líderes. Todos os corredores entendem isso. Os que correm na frente sempre se esforçam e se arriscam mais.

Bem antes de falar com meu pai, eu já havia decidido que seria bom ter um companheiro de viagem e que essa pessoa seria Carter, um colega de classe em Stanford. Embora tivesse sido um astro das argolas no William Jewell College, Carter não era o atleta típico. Ele usava óculos de lentes grossas e gostava de livros. Bons livros. Era uma pessoa com quem era fácil conversar e também não conversar – qualidades igualmente importantes em um amigo. Essenciais em um companheiro de viagem.

Mas Carter riu na minha cara. Quando mostrei a ele a lista de lugares que queria visitar – Havaí, Tóquio, Hong Kong, Rangum, Calcutá, Bombaim, Saigon, Katmandu, Cairo, Istambul, Atenas, Jordânia, Jerusalém, Nairóbi, Roma, Paris, Viena, Berlim Ocidental, Berlim Oriental, Munique, Londres –, ele se balançou sobre os calcanhares e gargalhou. Mortificado, olhei para baixo e comecei a pedir desculpas. Então Carter, ainda rindo, disse:

– Isso é o que eu chamo de uma excelente ideia, Buck!

Olhei para cima; ele não estava rindo de mim. Estava rindo de alegria, de satisfação. Ele estava impressionado. Era preciso muita coragem para apresentar um itinerário daqueles. Coragem. Ele topou.

Dias depois, ele recebeu permissão da família, além de um empréstimo do pai. Carter nunca perdia uma boa oportunidade. Quando enxergava uma possibilidade, ele a agarrava. Ele era assim. Eu disse a mim mesmo que poderia aprender muito com um sujeito como Carter enquanto estivéssemos dando a volta ao mundo.

Cada um de nós preparou uma única mala e uma mochila. Somente os objetos mais necessários, prometemos um ao outro. Algumas calças jeans, poucas camisetas. Tênis de corrida, botas para usar no deserto, óculos de sol, além de duas mudas de roupa na cor cáqui.

Também levei um bom terno. Um verde, com paletó de dois botões, da Brooks Brothers. Só para o caso de a minha Ideia Maluca dar algum fruto.

7 DE SETEMBRO DE 1962. Carter e eu nos enfiamos no velho e amassado Chevrolet dele e dirigimos em alta velocidade pela estrada I-5, através do Willamette Valley, seguindo pelo sul arborizado do Oregon, que nos dava a impressão de estarmos nos arrastando pelas raízes de uma árvore. Aceleramos na ponta coberta de pinheiros da Califórnia, cruzando trechos com altas montanhas verdes e descendo em seguida por bastante tempo, até que bem depois da meia-noite alcançamos a nebulosa São Francisco. Por vários dias, ficamos hospedados com uns amigos, dormindo no chão da casa deles, e em seguida demos uma passada em Stanford para pegar alguns pertences de Carter que estavam guardados em um depósito. Finalmente, paramos em uma loja de bebidas e compramos duas passagens com desconto para Honolulu, pela Standard Airlines. Só de ida, 80 dólares.

Foi como se apenas alguns minutos tivessem se passado até que Carter e eu estivéssemos pousando na pista arenosa do aeroporto de Oahu. Quando nos viramos e olhamos para o céu, pensamos: “Este não é o céu lá de casa.”

Uma fila de belas garotas aproximou-se. Olhos doces, pele cor de oliva, pés descalços e quadris que balançavam com facilidade, jogando as saias de capim para um lado e para outro diante de nós. Carter e eu nos entreolhamos e abrimos um sorriso.

Pegamos um táxi para a praia de Waikiki e nos hospedamos em uma pousada simples, localizada bem de frente para o mar. Sem perder tempo, largamos as malas e vestimos nossas roupas de banho. Vamos ver quem chega primeiro à água!

Quando pisei na areia, gritei e ri. Joguei os tênis de lado e disparei em

direção às ondas. Só parei quando a espuma já estava na altura do meu pescoço. Mergulhei até o fundo e subi, arfando e rindo, e fiquei boiando de costas. Por fim, cambaleei para fora d'água e desabei sobre a areia, sorrindo para os pássaros e as nuvens. Devia parecer um louco que escapara do manicômio. Carter, agora sentado ao meu lado, estava com a mesma cara de bobo.

– Devíamos ficar aqui – comentei. – Por que a pressa em ir embora?

– E como fica O Plano? – respondeu Carter. – Viajar ao redor do mundo?

– Planos podem mudar.

Carter sorriu.

– Grande ideia, Buck.

E então conseguimos empregos. Vendíamos enciclopédias de porta em porta. Nada glamoroso, sem dúvida, mas e daí? Não começávamos a trabalhar antes das sete da noite, o que nos dava bastante tempo para surfar. De repente, não havia nada mais importante do que aprender a surfar. Depois de apenas algumas tentativas eu já conseguia me manter em pé sobre a prancha e, em poucas semanas, me tornei um bom surfista. Muito bom.

Tendo uma atividade que nos rendia algum dinheiro, deixamos o hotel e alugamos um pequeno apartamento de quarto e sala mobiliado. Havia duas camas, uma delas de verdade e a outra, não muito – era uma espécie de tábua de passar roupas que ficava dobrada e presa à parede. Carter, sendo mais alto e mais pesado, ficou com a cama de verdade e eu, com a tábua de passar. Não me importava. Depois de um dia surfando e vendendo enciclopédias, seguido de uma longa noite nos bares da cidade, eu poderia dormir no buraco da fogueira de um luau. O aluguel era de apenas 100 dólares por mês, que nós dois dividíamos.

A vida era tranquila. A vida era um paraíso. Exceto por um pequeno detalhe: eu não conseguia vender enciclopédias.

Não conseguiria vender enciclopédias nem se a minha vida dependesse disso. Parecia que quanto mais velho eu ficava, mais tímido me tornava, e a simples visão do meu extremo desconforto geralmente deixava os estranhos pouco à vontade. Assim, vender qualquer coisa já seria um desafio, mas vender *enciclopédias*, que eram tão populares no Havaí quanto os mosquitos e os habitantes do continente, era um suplício. Por mais habilidade e vigor que eu pudesse empregar para dizer as frases mais importantes que nos foram ensinadas no breve treinamento que tivemos (“Meninos, digam aos caras que não estão vendendo enciclopédias – estão vendendo um Vasto Compêndio do Conhecimento Humano... as Soluções para as Questões da Vida!”), sempre recebia a mesma resposta.

Cai fora, amigo.

Se minha timidez me tornava um péssimo vendedor de enciclopédias, minha natureza me fazia desprezar a atividade. Não nasci para receber altas doses de rejeição. Eu já conhecia esse traço da minha personalidade desde o ensino médio, quando fui cortado do time de beisebol. Um pequeno revés no grande jogo da vida, mas que me deixou arrasado. Foi a primeira vez que tive consciência de que nem todas as pessoas do mundo gostarão de nós, ou nos aceitarão, e de que muitas vezes somos deixados de lado justo quando mais precisamos sentir que fazemos parte de algo.

Jamais me esquecerei desse dia. Arrastando meu bastão pela calçada, cambaleei até minha casa e me tranquei no quarto; fiquei lá, triste e desgostoso, por cerca de duas semanas, até minha mãe aparecer ao lado da minha cama e dizer:

– Chega.

Ela me forçou a tentar outra coisa.

– O quê, por exemplo? – gemi, com a cara enfiada no travesseiro.

– Que tal corrida? – disse ela.

– Corrida? – repeti.

– Você corre rápido, Buck.

– Corro? – retruquei, sentando-me na cama.

Então saí para correr. E descobri que era *capaz*. E ninguém poderia me tirar isso.

Assim, depois de desistir de vender enciclopédias, toda aquela velha rejeição foi embora e me concentrei nos anúncios de outros empregos. Em pouco tempo achei um anúncio pequeno, com uma margem grossa e preta em volta. *Precisa-se de vendedor de valores mobiliários*. Logo imaginei que teria mais sorte vendendo ações e títulos. Afinal, eu tinha um MBA. E, antes de sair de casa, havia sido muito bem-sucedido em uma entrevista para a empresa de investimentos Dean Witter.

Fiz algumas pesquisas e descobri que esse emprego tinha duas vantagens. Em primeiro lugar, era na empresa Investors Overseas Services, liderada por Bernard Cornfeld, um dos mais renomados empresários dos anos 1960. Em segundo, o escritório ficava no último andar de um belo edifício de frente para o mar. Janelas de mais de 6 metros com vista para aquele mar turquesa. Os dois pontos me cativaram e me fizeram dar o melhor de mim na entrevista. De algum jeito, depois de semanas sendo incapaz de convencer alguém a comprar uma enciclopédia, eu convenci o Time Cornfeld a me dar uma chance.

O EXTRAORDINÁRIO SUCESSO de Cornfeld, aliado àquela vista de tirar o fôlego, tornou possível que na maioria dos dias eu me esquecesse de que a firma não passava de um telemarketing ativo, no qual eram feitas vendas sob muita pressão e insistência. Cornfeld era famoso por perguntar aos funcionários se eles queriam *sinceramente* ficar ricos e, todos os dias, cerca de 10 jovens vorazes demonstravam que queriam sim, queriam *sinceramente*. Com ferocidade, com total entrega, eles pegavam os telefones e faziam ligações para os possíveis clientes, lutando desesperadamente para conseguir marcar uma visita.

Eu não era bom de papo nem em persuasão. Na verdade, eu não era do tipo falante. Mesmo assim, conhecia os números e o produto: Fundos Dreyfus. Mais do que isso, sabia como falar a verdade. As pessoas pareciam gostar disso. Não demorei muito para marcar algumas reuniões e fechar algumas vendas. Em uma semana, ganhei o suficiente em comissões para pagar minha metade do aluguel durante os seis meses seguintes e ainda sobrou bastante para a parafina da prancha de surfe.

A maior parte da minha renda pessoal excedente ia para os bares na orla. Os turistas iam beber nos resorts de luxo, aqueles cujos nomes pareciam palavras mágicas – o Moana, o Halekulani –, mas Carter e eu preferíamos os de pior reputação. Gostávamos de nos sentar com os nossos amigos da praia e os surfistas, os aventureiros e os vagabundos, e nos sentíamos orgulhosos da única coisa que tínhamos a nosso favor: a geografia. Aqueles otários lá em casa, dizíamos. Aqueles pobres trabalhadores, caminhando como sonâmbulos por suas vidas monótonas, empacotados para se protegerem do frio e da chuva. Por que eles não são como nós? Por que não aproveitam a vida?

Nosso senso de *carpe diem* era amplificado pelo fato de que o mundo parecia estar acabando. Um impasse nuclear com os soviéticos já durava várias semanas. Eles tinham uma dúzia de mísseis em Cuba, os Estados Unidos exigiam que fossem retirados e ambos os lados haviam feito sua proposta final. As negociações terminaram e a Terceira Guerra Mundial aconteceria a qualquer minuto. Segundo os jornais, mísseis cairiam do céu mais tarde, naquele mesmo dia. No máximo no dia seguinte. O mundo era como Pompeia e o vulcão já estava cuspidando cinzas. Ora, todos nos bares concordávamos que, quando a humanidade chegasse ao fim, aquele seria um lugar tão bom quanto qualquer outro para observar as nuvens em forma de cogumelo. *Aloha*, civilização.

De repente, surpresa: o mundo foi poupado. A crise passou. O céu parecia suspirar aliviado enquanto o ar se tornava mais puro e calmo. Seguiu-se um perfeito outono havaiano. Dias de contentamento e algo parecido com êxtase.

Então veio uma aguda inquietação. Uma noite, coloquei minha cerveja sobre a mesa do bar e disse a Carter:

– Acho que chegou a hora de deixarmos Shangri-la.

Não fiz um discurso muito sério. Não achei que fosse necessário. Era, sem dúvida, hora de voltar ao Plano. Mas Carter franziu a testa e coçou o queixo.

– Ah, Buck, não sei não.

Ele tinha conhecido uma garota. Uma bela adolescente havaiana, com longas pernas bronzeadas e olhos negros, como aquelas que saudaram nosso avião, do tipo que eu sonharia em ter mas jamais teria. Ele queria ficar mais tempo, e como eu poderia discordar?

Eu disse a ele que compreendia, mas fiquei chateado. Saí do bar e caminhei pela praia. Fim de jogo, disse a mim mesmo.

A última coisa que eu queria era fazer as malas e voltar para o Oregon. Mas não me imaginava viajando sozinho pelo mundo. Volte para casa, me disse uma longínqua voz interior. Consiga um emprego normal. Seja uma pessoa normal.

Então ouvi outra voz abafada, igualmente enfática. Não, não volte. Siga em frente. Não pare.

No dia seguinte, dei um aviso prévio de duas semanas no escritório.

– Que pena, Buck – disse um dos chefes. – Você tinha futuro como vendedor.

– Deus me livre – respondi baixinho.

Naquela mesma tarde, em uma agência de viagens próxima, comprei uma passagem de avião com validade de um ano, em qualquer companhia aérea, indo para qualquer lugar. Um tipo de Passe Eurail no céu. No Dia de Ação de Graças de 1962, peguei minha mochila e me despedi de Carter com um aperto de mão.

– Buck – disse ele –, se cuida.

O COMANDANTE SE DIRIGIU aos passageiros em um japonês rápido e comecei a suar de nervoso. Olhei pela janela, para o círculo vermelho flamejante na asa. Mamãe Hatfield tinha razão, pensei. Nós tínhamos *acabado* de sair de uma guerra com aquelas pessoas. A Batalha de Corregidor, a Marcha da Morte de Bataan, o Massacre de Nanquim... E agora eu estava indo para lá em algum tipo de *empreendimento* arriscado!

Ideia Maluca? Talvez ela fosse, *de fato*, maluca.

Se fosse o caso, era tarde demais para procurar ajuda profissional. O avião acelerava pela pista, rugindo acima das areias das praias do Havaí. Olhei para baixo e vi os imensos vulcões ficando cada vez menores. Não havia como voltar.

Como era Dia de Ação de Graças, a refeição servida no voo foi peru recheado com molho de cranberry. E, como nosso destino era o Japão, havia também atum cru, sopa de missô e saquê quente. Comi tudo enquanto lia os livros que havia enfiado na mochila. *O apanhador no campo de centeio e Almoço nu*. Eu me identificava com Holden Caulfield, o adolescente introvertido procurando seu lugar no mundo, mas Burroughs era difícil de entender. *O vendedor de heroína não vende seu produto ao consumidor; vende o consumidor ao seu produto*.

Era demais para mim. Apaguei. Quando acordei, estávamos em plena aterrissagem, rápida e íngreme. Abaixo de nós, Tóquio, espantosamente brilhante. A área de Ginza, em particular, era como uma árvore de Natal.

Entretanto, no caminho para o hotel só vi escuridão. Vastas áreas da cidade estavam totalmente às escuras.

– A guerra – comentou o taxista. – Muitos prédios bombardeados.

Os B-29 americanos. Superfortalezas. Durante um período de várias noites, no verão de 1944, inúmeros deles lançaram mais de 340 toneladas de bombas, a maioria delas recheada de gasolina e uma geleia inflamável. Uma das cidades mais antigas do mundo, Tóquio fora construída basicamente com madeira, por isso as bombas provocaram um furacão de fogo. Cerca de 300 mil pessoas foram queimadas vivas, instantaneamente, quatro vezes o número de mortos em Hiroshima. Mais de um milhão ficaram terrivelmente feridas. E quase 80% dos edifícios foram pulverizados. Durante longos e solenes trechos do percurso, o taxista e eu não dissemos nada. Não havia nada a ser dito.

Finalmente ele parou no endereço anotado no meu caderno. Um sombrio albergue. Pior do que sombrio. Eu havia feito reserva pela American Express, de olhos fechados, e agora percebia que cometera um erro. Atravessei a calçada esburacada e entrei em um edifício que parecia prestes a cair.

Uma velha senhora japonesa atrás do balcão da recepção curvou-se para mim. Percebi que ela não estava me saudando, mas que era encurvada por causa da idade, como uma árvore que já suportou várias tempestades. Devagar, ela me conduziu ao meu quarto, que mais parecia uma caixa. Um tatame, uma mesa bamba, nada mais. Não me importei. Mal percebi que o tatame era fino como uma hóstia. Inclinei-me para a mulher encurvada, desejando-lhe boa-noite. *Oyasumi nasai*. Enrolei-me sobre o tatame e apaguei.

HORAS DEPOIS, ACORDEI em um quarto repleto de luz. Arrastei-me até a janela.

Aparentemente, eu estava em algum tipo de distrito industrial, na periferia da cidade. Cheia de docas e fábricas, aquela região devia ter sido um alvo primário para os B-29. Para todo lugar que eu olhasse, havia desolação. Edifícios em ruínas. Um quarteirão após outro, todos arrasados. Destruídos.

Por sorte, meu pai conhecia pessoas em Tóquio, incluindo um grupo de americanos que trabalhavam na United Press International. Peguei um táxi até lá e eles me receberam como se eu fosse da família. Ofereceram-me café com biscoitos e, quando contei onde havia passado a noite, acharam graça. Colocaram-me em um hotel limpo e decente. Em seguida, escreveram os nomes de vários lugares onde eu poderia comer bem.

O que, em nome de Deus, você veio fazer em Tóquio? Expliquei que estava viajando pelo mundo. Depois, mencionei minha Ideia Maluca.

– Hum – murmuraram, revirando os olhos. Mencionaram dois ex-soldados que administravam uma revista mensal chamada *Importer*. – Converse com os caras da *Importer* antes que faça algo imprudente.

Prometi que falaria com eles. Mas, antes de qualquer coisa, queria conhecer a cidade.

Com um guia na mão e uma câmera Minolta na outra, saí em busca dos poucos pontos turísticos que haviam sobrevivido à guerra, os mais antigos templos e santuários. Passei horas sentado nos bancos de jardins cercados, lendo sobre as principais religiões do Japão, o budismo e o xintoísmo. Fiquei fascinado pelo conceito de *kensho*, ou *satori* – iluminação que vem em um lampejo, um estalo ofuscante. Mais ou menos como o flash da minha Minolta. Gostei disso. Queria isso.

Entretanto, antes era preciso mudar toda a minha abordagem. Eu era um pensador linear e, de acordo com o zen, esse tipo de pensamento não passa de uma ilusão, uma das muitas que nos mantêm infelizes. Segundo o zen, a realidade não é linear. Não existe futuro nem passado. Só o agora.

Parece que, em todas as religiões, o eu é o obstáculo, o inimigo. Entretanto, o zen afirma claramente que o eu não existe. O eu é uma miragem, um sonho febril, e nossa teimosia em acreditar nessa realidade não só nos faz desperdiçar a vida como encurtá-la. O eu é a mentira deslavada que contamos a nós mesmos todos os dias e a felicidade requer que enxerguemos através dessa mentira, desmascarando-a. *Estudar o eu*, disse o mestre Dogen, no século XIII, *é se esquecer do eu*. Voz interior, voz exterior, é tudo a mesma coisa. Não há linha divisória.

Especialmente nas competições. De acordo com o zen, a vitória vem quando

nos esquecemos do eu e do oponente, que não passam de duas metades de um todo. Em *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*, isso está explicado com total clareza: *A perfeição da arte da espada só será alcançada quando o coração do espadachim não for mais afetado por nenhum pensamento a respeito do “eu” e do “outro”, do adversário e de sua espada, de sua própria espada e de sua maneira de usá-la... Tudo é um vazio: você mesmo, a espada que é brandida e os braços que a manejam. Até a ideia de vazio desaparece.*

Com a cabeça girando, decidi fazer uma pausa para visitar um marco muito pouco zen; na verdade, o lugar mais antizen do Japão, um reduto onde os homens se concentravam somente no eu e em nada além do eu – a Bolsa de Valores de Tóquio, ou Tosho. Instalada em um edifício românico de mármore com grandes colunas gregas, parecia um enfadonho banco de uma tranquila cidade do Kansas quando observada do outro lado da rua. Por dentro, no entanto, era só tumulto. Centenas de homens agitando os braços, arrancando os cabelos, gritando. Uma versão mais corrompida do pequeno escritório da Cornfeld.

Eu não conseguia desviar o olhar. Fiquei ali, observando e perguntando a mim mesmo: Então fazer negócios é isso? Sério? Eu gostava de dinheiro tanto quanto os outros caras que estavam ali, mas não queria que minha vida se resumisse a isso.

Depois de Tosho, eu precisava de paz. Adentrei o coração da cidade, nos jardins do imperador Meiji e de sua imperatriz, um espaço onde supostamente existia um enorme poder espiritual. Sentei-me ali, contemplativo, reverente, sob os ginkos que balançavam, ao lado de um belo portão *torii*. Li em meu guia que o portão *torii* é um portal para locais sagrados e deleitei-me com a santidade e a serenidade do lugar, tentando assimilar tudo aquilo.

Na manhã seguinte, amarrei meus tênis e fui correr no Tsukiji, o maior mercado de peixes do mundo. Era uma repetição de Tosho, só que com camarões em vez de ações. Testemunhei velhos pescadores espalharem suas ofertas sobre carrinhos de madeira e discutir os preços com mercadores de rostos frios. Naquela noite, peguei um ônibus para a região dos lagos, ao norte das montanhas Hakone, uma área que inspirou muitos dos grandes poetas zen. *Não se pode trilhar o caminho antes de se tornar o próprio caminho*, disse Buda, e eu fiquei admirando, respeitosamente, um caminho sinuoso que ia dos lagos vítreos até o topo nublado do monte Fuji, um perfeito triângulo coberto de neve que, para mim, era igualzinho ao monte Hood, no Oregon. Os japoneses acreditam que escalar o monte Fuji é uma experiência mística, um ato ritual de celebração, e senti-me tomado pelo desejo de fazê-lo naquele mesmo instante.

Queria ascender às nuvens. Mas decidi esperar. Voltaria quando tivesse alguma coisa para comemorar.

VOLTEI A TÓQUIO e me apresentei na *Importer*. Os dois ex-soldados que estavam no comando, homens de pescoço grosso, musculosos e muito ocupados, olharam para mim como se quisessem me matar por aparecer ali sem ser convidado e fazê-los perder tempo. Entretanto, em poucos minutos a aparência rude de ambos se dissipou e eles foram calorosos e amigáveis, se mostraram satisfeitos por encontrar um conterrâneo. Conversamos principalmente sobre esportes. *Acredita que os Yankees venceram outra vez? E que tal o Willie Mays? Não há ninguém melhor. É mesmo, ele é o melhor.*

Então eles me contaram sua história.

Aqueles foram os primeiros americanos que conheci que amavam o Japão. Aquartelados ali durante a Ocupação, deixaram-se encantar pela cultura, pela comida, pelas mulheres e, quando o tempo no serviço militar terminou, não quiseram ir embora. Então lançaram uma revista sobre importações, quando ninguém estava interessado em importar nada que fosse japonês, e, de algum jeito estavam conseguindo mantê-la havia 17 anos.

Contei sobre a minha Ideia Maluca e eles ouviram com algum interesse. Prepararam um café e me convidaram para sentar. Havia alguma linha de tênis japoneses em particular que eu pensava em importar?, indagaram.

Eu disse que gostava do Tiger, marca estilosa da Onitsuka Co., que ficava na cidade de Kobe, a maior do Sul do Japão.

– Sim, sim, nós conhecemos – responderam.

Disse-lhes que estava pensando em ir até lá para me encontrar com o pessoal da empresa.

Nesse caso, os ex-soldados disseram, era melhor aprender algumas coisas sobre como os negócios eram feitos no Japão.

– O principal – disseram – é não forçar a barra. Não aja como o típico idiota americano, o típico *gaijin*, que é rude, fala alto e se recusa a aceitar um não como resposta. Os japoneses não reagem bem a vendas agressivas. As negociações costumam ser suaves, porém firmes. Veja quanto tempo os americanos e os russos levaram para convencer Hiroito a se render. E, mesmo ao se render, com seu país reduzido a um monte de cinzas, o que ele disse ao povo? “A situação da guerra não se desenvolveu de maneira vantajosa para o Japão.” É a cultura das vias indiretas. Ninguém o rejeita diretamente. Ninguém fala não

diretamente. Mas também não diz sim. Eles dialogam em círculos, frases sem sujeito ou objeto claros. Não desanime, mas também não seja arrogante. Você pode sair do escritório de alguém achando que estragou tudo, quando, na verdade, está prestes a fechar negócio. Você pode sair achando que fechou negócio quando, na verdade, acabou de ser rejeitado. *Nunca se sabe*.

Franzi o cenho. Mesmo em um cenário favorável, eu já não era um grande negociador. Agora, teria que negociar em algum tipo de sala de espelhos que deformam a imagem, onde as regras comuns não se aplicam?

Depois de uma hora desse desconcertante tutorial, apertamos as mãos e me despedi. De repente, senti que não podia esperar, que precisava atacar de imediato enquanto as palavras deles ainda estavam frescas na minha mente, então corri de volta ao hotel, joguei tudo o que tinha na mala e na mochila e liguei para a Onitsuka para marcar uma reunião.

No final daquela mesma tarde, embarquei em um trem rumo ao Sul.

O JAPÃO ERA FAMOSO por sua ordem impecável e sua extrema limpeza. A literatura, a filosofia, as roupas, a vida doméstica do país, tudo era maravilhosamente puro e parco. Minimalista. *Não espere nada, não procure nada, não se apegue a nada* – os imortais poetas japoneses escreveram versos que pareciam ter sido polidos até brilharem como a lâmina da espada de um samurai, ou as pedras de um riacho das montanhas. Impecáveis.

Então, por que, indaguei a mim mesmo, esse trem para Kobe é tão sujo?

O piso estava cheio de papéis e guimbas de cigarro. Os assentos, cobertos de cascas de laranja e jornais descartados. Pior ainda, todos os vagões estavam lotados. Mal havia lugar para ficar de pé.

Achei um cantinho perto da janela e permaneci ali por sete horas enquanto o trem balançava e se esgueirava por vilas longínquas, propriedades rurais que não eram maiores do que a maioria dos quintais de Portland. A viagem foi longa, mas minhas pernas e minha paciência resistiram. Eu estava ocupado demais repassando o tutorial dos ex-soldados.

Quando cheguei, acomodei-me em um pequeno quarto de um *ryokan* barato. Minha reunião na Onitsuka era bem cedo na manhã seguinte, por isso deitei-me imediatamente no tatame. Mas eu estava agitado demais para dormir. Rolei de um lado para outro durante quase a noite toda e, ao alvorecer, levantei-me exausto e olhei para meu reflexo magro e desfocado no espelho. Depois de me barbear, vesti meu terno verde da Brooks Brothers e me dei uma injeção de

ânimo.

*Você é capaz. Você é confiante. Você consegue.*

*Você CONSEGUE.*

E então fui ao lugar errado.

Apresentei-me no salão de exposições da Onitsuka, quando era esperado na *fábrica* – do outro lado da cidade. Chamei um táxi e fui a toda para lá, em completo frenesi, chegando com meia hora de atraso. Imperturbável, um grupo de quatro executivos me encontrou no saguão. Eles se curvaram. Eu me curvei. Um deles deu um passo à frente. Ele me disse que seu nome era Ken Miyazaki e que desejava me levar para conhecer a fábrica.

Era a primeira fábrica de calçados esportivos que eu via na vida. Achei tudo muito interessante. Até mesmo musical. Cada vez que um pé de tênis era moldado, a fôrma de metal caía no chão, produzindo um tilintar, um *CLING-clong* melodioso. Em um intervalo de poucos segundos, *CLING-clong*, *CLING-clong*, a sinfonia dos sapateiros. Os executivos também pareciam apreciar o som. Eles sorriam para mim e uns para os outros.

Passamos pelo departamento de contabilidade. Todos os que ali estavam, homens e mulheres, levantaram-se de suas cadeiras e, ao mesmo tempo, curvaram-se, um gesto de *kei*, em respeito ao *tycoon*, ou magnata, americano. Eu tinha lido que a palavra *tycoon* derivava de *taikun*, “senhor da guerra” em japonês. Eu não sabia como responder ao *kei* que eles demonstravam. Curvar-se ou não, essa é sempre a questão no Japão. Dei um meio sorriso, fiz uma semirreverência e continuei a andar.

Os executivos me disseram que produziam 15 mil pares de calçados por mês.

– Impressionante – comentei, sem saber se era muito ou pouco.

Conduziram-me até uma sala de reuniões e apontaram para uma cadeira à cabeceira de uma longa mesa oval.

– Sr. Knight – disse alguém –, *aqui*.

Lugar de honra. Mais *kei*. Eles se sentaram ao redor da mesa, ajeitaram suas gravatas e ficaram me encarando. Era a hora da verdade.

Eu tinha ensaiado aquela cena na minha cabeça muitas vezes, da mesma forma que treinava para cada corrida da qual participei: muito antes do tiro de largada. Só que agora eu me dava conta de que aquilo não era uma corrida. Existe um impulso primitivo de se comparar tudo – vida, negócios, aventuras de todo tipo – a uma corrida. Mas muitas vezes a metáfora é inadequada. Ela só vale até certo ponto.

Incapaz de me lembrar do que queria dizer, ou mesmo do motivo que me

levara até ali, precisei respirar fundo várias vezes. Tudo dependia de eu estar à altura da ocasião. Se não estivesse, se eu estragasse tudo, estaria condenado a passar o resto da vida vendendo enciclopédias, ou fundos de investimento, ou qualquer outra porcaria que não significava nada para mim. Decepcionaria meus pais, minha escola, minha cidade. A mim mesmo.

Olhei para os rostos das pessoas ao redor da mesa. Sempre que imaginava aquela cena, omitia um elemento crucial. Eu não havia previsto como a Segunda Guerra Mundial estaria presente naquela sala. A guerra estava bem *ali*, ao nosso lado, entre nós, acrescentando entrelinhas a cada palavra que dizíamos. *Boa noite a todos – hoje temos boas notícias!*

E, ainda assim, a guerra também *não* estava lá. Por meio de sua resiliência, da aceitação estoica da derrota total e da reconstrução heroica de sua nação, os japoneses haviam deixado a guerra para trás. Além disso, aqueles executivos presentes na sala eram jovens, como eu, e era possível perceber que sentiam que a guerra não tinha nada a ver com eles.

Por outro lado, seus pais e tios haviam tentado matar os meus.

Por outro lado, o passado estava no passado.

Por outro lado, toda aquela questão de Vencer ou Perder, que obscurece e complica tantos negócios, fica ainda mais complicada quando os potenciais vencedores e perdedores acabaram de se ver envolvidos, por procuração e por seus ancestrais, em um conflito mundial.

Toda essa tensão interna, essa confusão hesitante sobre guerra e paz, criou um zumbido baixo em minha cabeça, um constrangimento para o qual eu não estava preparado. A parte realista dentro de mim queria reconhecer isso, a parte idealista me impedia. Tossi dentro da mão fechada.

– Senhores – comecei.

O Sr. Miyazaki me interrompeu:

– Sr. Knight, que empresa o senhor representa?

– Ah, sim, boa pergunta.

Com uma descarga de adrenalina invadindo meu sangue, senti a reação biológica de lutar ou fugir, o desejo de correr e me esconder, o que me fez pensar no lugar mais seguro do mundo. A casa dos meus pais. A casa fora construída havia décadas, por pessoas de posses, pessoas com muito mais dinheiro do que os meus pais, e, portanto, os arquitetos haviam incluído quartos para empregados nos fundos, e era lá que ficava o meu quarto, o qual enchi de cartões de beisebol, discos, cartazes, livros – todas as coisas que me eram sagradas. Também cobri uma das paredes com as *blue ribbons*, as fitas azuis que conquistei por ganhar

corridas, a coisa de que mais me orgulhava na vida. E daí?

– Blue Ribbon – respondi. – Senhores, eu represento a Blue Ribbon Sports, de Portland, no Oregon.

O Sr. Miyazaki sorriu. Os outros executivos sorriram, um murmúrio surgiu ao redor da mesa. *Blueribbon, blueribbon, blueribbon*. Os executivos cruzaram as mãos, ficaram outra vez em silêncio e voltaram a me encarar.

– Bem – recomecei –, senhores, o mercado de calçados americano é enorme. E largamente inexplorado. Se a Onitsuka conseguir entrar nesse mercado, se a Onitsuka conseguir colocar seus Tigers nas lojas dos Estados Unidos, vendendo-os por um preço menor do que os tênis da Adidas, que são usados hoje pela maioria dos atletas americanos, essa pode ser uma empreitada extremamente lucrativa.

Eu estava apenas citando minha apresentação de Stanford, na íntegra, repetindo frases e números que passara semanas e mais semanas pesquisando e memorizando, e isso me ajudou a criar uma ilusão de eloquência. Pude ver que os executivos ficaram impressionados. Só que, quando terminei meu discurso, fez-se um silêncio cortante. Então um dos homens quebrou o silêncio, depois outro, e agora estavam todos conversando em voz alta, animados. Não comigo; entre eles.

Então, de repente, todos se levantaram e saíram.

Seria esse o jeito japonês de rejeitar uma Ideia Maluca? Levantarem-se todos ao mesmo tempo e irem embora? Teria eu desperdiçado meu *kei*? Simples assim? A reunião tinha terminado? O que eu deveria fazer? Deveria... ir embora?

Alguns minutos depois, eles voltaram. Trouxeram desenhos e amostras, que o Sr. Miyazaki ajudou a espalhar diante de mim.

– Sr. Knight – disse ele –, há tempos que vínhamos pensando no mercado americano.

– É mesmo?

– Nós já vendemos calçados para lutas marciais nos Estados Unidos. Para o... Nordeste. Mas discutimos muito sobre levar outras linhas de produtos a outros lugares no seu país.

Eles me mostraram três modelos do Tiger. Um para corrida, que chamavam de Limber Up, uma expressão que significa aquecer. “Muito bom”, eu disse. O outro para salto em altura, que chamavam de Spring Up, saltar. “Adorável”, avalei. E o último modelo projetado para a prática de arremesso de disco, que chamavam de Throw Up, que tanto pode significar “arremessar” como “vomitar”.

Não ria, eu disse a mim mesmo. Não... ria.

Eles me bombardearam com perguntas sobre os Estados Unidos, a cultura americana e as tendências de consumo, os diferentes tipos de calçados esportivos vendidos nas lojas especializadas. Perguntaram a minha avaliação sobre o tamanho do mercado americano e quanto eu achava que ele ainda poderia crescer, e respondi que, em última análise, conseguiria chegar a um bilhão de dólares. Até hoje não tenho certeza de onde tirei esse número. Eles se recostaram nas cadeiras e entreolharam-se, impressionados. Então, para minha surpresa, começaram a fazer um discurso de vendas para *mim*.

– Será que a Blue Ribbon... estaria interessada... em representar os calçados Tiger? Nos Estados Unidos?

– Sim – respondi. – *Estaria*.

Segurei nas mãos o Limber Up.

– Este é um bom tênis. Este tênis... eu posso vendê-lo.

Pedi a eles que me enviassem amostras sem demora. Forneci meu endereço e prometi enviar um pagamento de 50 dólares.

Eles se levantaram. Fizeram uma reverência completa. Repeti o gesto. Apertamos as mãos. Fiz mais uma reverência. Eles repetiram o gesto. Todos sorrimos. A guerra jamais acontecera. Éramos sócios. Éramos irmãos. A reunião, que eu esperava que durasse 15 minutos, levou duas horas.

Da Onitsuka, fui diretamente para o escritório mais próximo da American Express e enviei uma carta para o meu pai. *Querido papai: Urgente. Por favor, envie 50 dólares imediatamente para a Onitsuka Corp, em Kobe.*

Ho ho, hee hee... Coisas estranhas estão acontecendo.

DE VOLTA AO HOTEL, andei em círculos sobre o tatame, tentando me decidir. Parte de mim queria voltar correndo para o Oregon, esperar pelas amostras e começar o novo empreendimento.

Além disso, estava enlouquecendo de solidão, isolado de tudo e de todos que conhecia. A visão ocasional do *The New York Times*, ou de uma revista *Time*, provocava um nó na minha garganta. Eu era um naufrago, um tipo de Robinson Crusó moderno. Queria voltar para casa. Naquele instante.

Entretanto... Eu ainda estava inflamado de curiosidade sobre o mundo. Ainda queria ver, explorar.

A curiosidade levou a melhor.

Fui a Hong Kong e caminhei pelas ruas caóticas e insanas, horrorizado com a

visão de mendigos sem pernas, sem braços, idosos ajoelhados na sujeira, ao lado de órfãos que pediam dinheiro. Os idosos não diziam nada, mas as crianças repetiam um mantra: *Ei, homem rico; ei, homem rico; ei, homem rico*. Em seguida, choravam ou batiam no chão. Mesmo depois de lhes dar todo o dinheiro que eu trazia nos bolsos, os gritos não paravam.

Fui até a periferia da cidade, subi ao topo do pico Victoria, observei a China ao longe. Na faculdade, eu lera os analetos de Confúcio – *O homem que move uma montanha começa carregando pequenas pedras* – e, agora, sentia com toda a força que jamais teria uma chance de mover aquela montanha em particular. Eu nunca chegaria perto daquela terra mística, cercada por muros, e isso me fez sentir imensamente triste. Incompleto.

Fui às Filipinas, onde havia toda a loucura e o caos de Hong Kong com o dobro da pobreza. Como se estivesse em um pesadelo, eu ia me movendo devagar por Manila, por multidões intermináveis, por engarrafamentos impenetráveis, em direção ao hotel cuja cobertura foi ocupada por MacArthur. Eu era fascinado por todos os grandes generais, desde Alexandre, o Grande até George Patton. Eu odiava a guerra, mas amava o espírito guerreiro. Odiava a espada, mas amava o samurai. E de todos os grandes combatentes da história, achava MacArthur o mais envolvente. Aqueles óculos Ray-Ban, aquele cachimbo feito com espiga de milho – o sujeito exalava confiança. Tático brilhante, grande motivador, também presidiu o Comitê Olímpico dos Estados Unidos. Como seria possível deixar de amá-lo?

É claro, ele tinha inúmeros defeitos. Mas tinha consciência disso. *Você é lembrado*, disse ele, profeticamente, *pelas regras que quebra*.

Eu queria passar uma noite na suíte que ele havia ocupado. Mas não podia pagar.

Um dia, prometi. Um dia eu voltarei.

Fui a Bangcoc, onde atravessei pântanos sombrios em uma canoa até chegar a um mercado a céu aberto, que parecia uma versão tailandesa dos quadros de Hieronymus Bosch. Comi aves, frutas e legumes que nunca tinha visto e jamais voltaria a ver. Desviei-me de jinriquixás, lambretas, *tuk-tuks* e elefantes para chegar a Wat Phra Kaew, a “Capela Real”, e a uma das estátuas mais sagradas da Ásia: um Buda gigantesco de 600 anos, esculpido em uma peça única de jade. Diante de seu semblante sereno, perguntei: *Por que estou aqui? Qual é o meu propósito?*

Esperei.

Nada.

Ou talvez o silêncio fosse a resposta.

Fui ao Vietnã, onde as ruas estavam repletas de soldados americanos e o medo pulsava. Todos sabiam que a guerra estava próxima e que seria horrível, muito diferente. Seria uma guerra à la Lewis Carroll, na qual um oficial americano declararia: *Foi preciso destruir a vila para salvá-la*. Dias antes do Natal de 1962, fui para Calcutá e aluguei um quarto do tamanho de um caixão. Sem cama, sem cadeira: não havia espaço. Apenas uma rede suspensa sobre um buraco borbulhante – a privada. Em poucas horas, fiquei doente. Um vírus, provavelmente, ou intoxicação alimentar. Durante um dia inteiro, acreditei que não sobreviveria. Tinha certeza de que ia morrer.

Mas, não sei como, recuperei as forças e me obriguei a sair da rede. No dia seguinte, estava caminhando, cambaleante, com centenas de peregrinos e dúzias de macacos sagrados, descendo a escada íngreme do templo de Varanasi. Os degraus levavam diretamente às águas fervilhantes do rio Ganges. Quando a água bateu na minha cintura, levantei o olhar – era uma miragem? Não, um funeral estava acontecendo no meio do rio. Na verdade, vários. Observei os enlutados entrando no rio e depositando seus entes queridos sobre esquifes de madeira, aos quais ateavam fogo. A menos de 20 metros, outras pessoas se banhavam calmamente. Enquanto isso, muitos matavam a sede com a mesma água.

Os Upanishads dizem: *Conduza-me do irreal para o real*. Então eu fugi do irreal. Voei para Katmandu e caminhei até os paredões brancos da cordilheira do Himalaia. Na descida, parei em um *chowk*, um mercadão, e devorei uma tigela de carne de búfalo malpassada. Observei que os tibetanos no *chowk* usavam botas de lã vermelha e flanela verde, com o bico de madeira virado para cima, não muito diferentes das usadas pelos que corriam em trenós. De repente, comecei a *reparar* nos sapatos de todo mundo.

Voltei à Índia e passei a véspera de ano-novo vagando pelas ruas de Bombaim, desviando-me de bois e vacas de chifres compridos, sentindo o início de uma enxaqueca épica – o barulho e os cheiros, as cores e o brilho. Fui para o Quênia e fiz uma longa viagem de ônibus pelo meio da selva. Avestruzes gigantescas tentavam ultrapassar o ônibus e cegonhas do tamanho de pit bulls voavam do lado de fora das janelas. Cada vez que o motorista parava no meio do nada, para pegar alguns guerreiros Masai, um babuíno ou dois tentavam entrar. O motorista e os guerreiros corriam atrás deles com facões. Antes de saltar do ônibus, os babuínos sempre olhavam por cima dos ombros, com uma expressão de orgulho ferido. Sinto muito, meu caro, eu pensava. Não depende de mim.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A marca da vitória: A autobiografia do..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).